

A percepção de bem-estar das mulheres tem caído a despeito de conquistas sociais

[Clique aqui para ver a notícia no site](#)

Segundo estudo da UPenn, se antes, nos anos 70, o bem-estar subjetivo (a percepção de felicidade) era maior para mulheres do que para homens, a situação se inverteu com o passar do tempo. Pedro Fernando Nery*, O Estado de S.Paulo 19 de abril de 2022 | 04h00 Um estudo divulgado no mês passado renovou a discussão sobre a vida das mulheres. “ O paradoxo do declínio da felicidade feminina ” é como pesquisadores da UPenn (Universidade da Pensilvânia) chamaram o resultado que encontraram para as medidas de bem-estar das mulheres em países desenvolvidos, já há mais de dez anos (Stevenson e Wolfers, 2009). É que, após décadas de conquistas femininas, o seu índice de felicidade caía – em termos absolutos e em relação aos homens. Mudanças nas expectativas das mulheres surgiram como uma explicação possível para redução de índice de felicidade Foto: Mike Blake/Reuters Enquanto vários indicadores melhoravam, a percepção das mulheres sobre seu próprio bem-estar indicava o declínio, consistente entre raças e países. Direitos foram alcançados, mas ao mesmo tempo que progressos ocorriam, elas se consideravam menos felizes. Se antes, nos anos 70, o bem-estar subjetivo (a percepção de felicidade) era maior para mulheres do que para homens, a situação se inverteu com o passar do tempo. Durante essas décadas houve cada vez mais espaço na sociedade, cada vez mais apoio no lar, mas elas estavam cada vez mais infelizes: seria esta a lógica de se chamar a trajetória dos números de paradoxo. Mudanças nas expectativas das mulheres surgiram como uma explicação possível. Agora, professores das universidades de Glasgow e College London apresentaram dados novos, chegando ao período da pandemia (Blanchflower e Bryson, 2022). Eles confirmam que os homens se sentem mais felizes do que a mulheres e ratificam também uma impressão intuitiva: a pandemia deixou as pessoas mais infelizes. Mas a queda no bem-estar foi muito mais acentuada para as mulheres. O resultado é condizente com uma crise que afetou mais sua renda e seu tempo. As informações se restringem a países ricos. E no Brasil? A FGV Social apresentou nos últimos anos números que, a princípio, não revelaram “ desigualdade de felicidade ” relevante entre gêneros. Entretanto, a felicidade dos brasileiros só passou a ser medida sistematicamente neste século, o que dificulta a apreciação de um paradoxo aqui. No novo estudo, Blanchflower e Bryson sugerem não apenas que a felicidade feminina caiu mais na pandemia, mas que ela voltava ao normal mais rápido também. A recuperação mais veloz é definida por eles como resiliência – o que talvez nos dê margem para algum otimismo. De pessimista, a conclusão dos pesquisadores de que a felicidade menor para mulheres de tal forma se consolidou nas pesquisas ao longo do tempo que nem sequer deveria se falar mais em paradoxo. Chegou a hora de falar em “a realidade do declínio da felicidade feminina”? *DOUTOR EM ECONOMIA

